I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

A CONDIÇÃO SOCIOCULTURAL DA MULHER SENEGALESA EM “UNE SI LONGUE LETTRE”, DE MARIAMA BÂ.

LA CONDITION SOCIOCULTURELLE DES FEMMES SÉNÉGALAISES DANS "UNE SI LONGUE LETTRE", DE MARIAMA BÂ.

Mariana Romling Rotheia Andrade

Resumo

O trabalho tem como tema a compreensão da identidade das mulheres senegalesas no contexto pós-independência do país, a partir do livro da senegalesa Mariama Bâ, "Une si longue lettre". O objetivo é analisar, a partir desse livro e de teorias feministas e pós-coloniais, aspectos socioculturais que permeiam as discriminações e desigualdades de gênero presentes nessa sociedade. Para tal fim, utiliza-se conceitos dos estudos de gênero, como divisão sexual do trabalho, trabalho reprodutivo e categorias interseccionais. A pesquisa indica que esses aspectos sociais investigados atuam diretamente na condição de escrita e vivência dessas mulheres.

Palavras-chave: Palavras-chave: teoria feminista, Obra literária, Senegal, Pós-colonial, Islamismo

Abstract/Resumen/Résumé

Cette étude a pour thème la compréhension de l'identité des femmes sénégalaises dans le contexte de l’après-indépendance du pays, basé sur le livre de la sénégalaise Mariama Bâ, "Une si longue lettre". L'objectif est d'analyser, à partir de ce livre et des théories féministes et postcoloniales, les aspects socioculturels qui se diffusent dans les discriminations et les inégalités de genre dans la société sénégalaise. Pour atteindre cet objectif, des concepts issus des études de genre sont utilisés. La recherche montre que ces aspects sociaux agissent directement sur les conditions d'écriture et de vie de ces femmes.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Mots-clés: théorie feministe, Oeuvre litteraire, Sénégal, Postcolonial, Islamisme

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade analisar, a partir da obra literária "*Une si longue lettre*", aspectos sociais, culturais, políticos e religiosos que refletem a situação da mulher no Senegal nas décadas pós-independência (1960), a fim de entender como a autora retrata temas interseccionais em seu romance epistolar (narrativa em cartas). Essa escritora faz parte de uma geração de mulheres que reivindicaram a autoria feminina na literatura senegalesa pós-independência, esta que era marcada profundamente pela reafirmação do homem na construção das identidades nacionais; e que muitas vezes associavam a mulher à representação da Terra-mãe África, com metáforas geográficas e vegetais como "savana dos horizontes puros", ou até "fruto maduro de carne firme", ambos trechos presentes no poema de Léopold édar Senghor "*Femme noire*" (MACHADO, 2016).

Mariama Bâ, professora e colaboradora em diversos movimentos das mulheres, é pioneira na literatura feminina de seu país, sendo considerada atualmente pela crítica feminista a primeira de uma geração de escritoras feministas no Senegal (HAAKER, 2013, p.8). A dicotomia entre duas realidades diferentes é expressa na escrita de Bâ: escolarizada em uma escola francesa e ao mesmo tempo inserida em uma sociedade de castas e muçulmana que hierarquiza e separa os papéis entre o homem e a mulher em todas as instâncias da sociedade (PERRET, 2006, p.17).

O livro aborda diversos temas sociais e culturais, dentre eles o que mais se destaca é a questão da poligamia no âmbito familiar, isto é, direito dos homens muçulmanos em possuir até quatro esposas. Bâ retrata o sofrimento das mulheres que vivenciam essa prática de casamento, focalizando no impacto negativo no cotidiano da primeira esposa, como cada uma das mulheres do livro lidam com a presença dessa prática em suas vidas, trazendo o debate da poligamia para uma perpectiva mais ampla acerca da própria condição humana (GUÈYE, 1998. p.309). Ademais, a escritora explora temas como maternidade; educação da mulher; paridade política; conciliamento da fé islâmica com a defesa da equidade entre os sexos; racismo, gravidez precoce, dentre outros.

O presente trabalho torna-se relevante para a comunidade acadêmica na medida em que se trata de um livro que ganhou o Prêmio Noma de melhor obra africana no ano de 1980 mas que não apresenta tradução para o português. Além disso, pioneiro nos escritos feministas do Senegal, é um livro que permite entender a condição da mulher senegalesa nas últimas décadas sob uma perspectiva interseccional ao apresentar, entrecruzadas, as múltiplas

dimensões da existência da narradora. Constitui, ainda, um rico objeto para os estudos sobre gênero em perspectivas pós-coloniais.

2 OBJETIVOS

O trabalho tem como objetivo compreender, por meio da narrativa presente na obra "*Une si longue lettre*", da senegalesa Mariama Bâ, aspectos religiosos, culturais, sociais e políticos que se relacionam com o lugar da mulher na sociedade senegalesa nas primeiras décadas do país após a independência que retirou o domínio colonial francês. Para alcançar esse fim, é observado, de maneira interseccional, ou seja, por meio de categorias como classe (no caso do Senegal castas sociais também), raça, sexualidade e trabalho, como as discriminações de gênero ocorrem nessa sociedade. Além disso, a dicotomia entre a tradição religiosa e cultural do país com as ideias progressistas de influência do antigo colonizador nas escolas e na vida civil é significativa para a compreensão da formação da identidade da senegalesa nesse contexto.

3 METODOLOGIA

Para este pesquisa, utilizou-se a abordagem qualitativa de pesquisa, realizando uma análise do objeto de pesquisa, ou seja, o livro "*Une si longue lettre*", por meio de teorias e conceitos feministas, como também abordagens pós-coloniais voltadas para a raça. Para a realização dessa abordagem, a revisão de literatura e a pesquisa bibliográfica tornam-se fundamentais, na medida em que ajudam a reunir os trabalhos anteriores já realizados na área, como também para fundamentar e filtrar o que será abordado. Como pesquisa bibliográfica foram utilizadas, além da obra literária e de livros e artigos que tratam sobre as teorias feministas e pós-coloniais, matérias de jornais franceses sobre os temas abordados e também teses e monografias em língua estrangeira sobre a análise do livro em diversas áreas do conhecimento.

4 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O livro é narrado pela protagonista, Ramatoulaye, que escreve cartas a sua melhor amiga, Aïssatou Bâ, mas que nunca foram enviadas, tratando-se de um longo monólogo. Inicialmente, Ramatoulaye escreve acerca da morte de seu marido, Modou Fall, vítima de um ataque cardíaco, relatando todas as práticas muçulmanas que uma viúva precisa realizar após a morte de seu marido. Por exemplo, há o período de cláusula em que ela precisa ficar isolada em razão de seu luto. Para além disso, *"Le mirasse"* é um preceito religioso que ordena a revelação de todos os bens do indivíduo morto, a fim de repartir com todos os herdeiros da família (BÂ, 2001, p.16). Nessa revelação, ela descobre diversos gastos e mudanças nos títulos de propriedades na conta conjunta deles, ações em benefício da segunda esposa dele,

Binetou, uma jovem amiga da filha mais velha de Ramatoulaye. Fica evidente, ao longo do livro, o impasse que ela enfrenta em relação às práticas tradicionais religiosas com seus ideais de igualdade no tratamento da mulher e do homem no âmbito familiar, social e político.

Ao relembrar a parte de sua vida em que descobre que seu marido se casou com uma outra mulher, ela escreve acerca da forma como sua amiga lidou quando passou pela mesma situação. Aïssatou divorciou-se de seu marido quando obteve conhecimento que ele havia se casado com outra. Além do mais, seu marido foi coagido a tomar essa decisão pois a mãe dele nunca aceitou o casamento, na medida em que Aïssatou era proveniente de uma classe inferior. Nas palavras da sogra "ela acreditava firmemente no sangue portador de virtude e repetia balançando a cabeça, que a falta de nobreza no nascimento se encontrava no comportamento"[1] (BÂ, 2001, p.39, tradução livre).

Esse trecho mostra a visão ainda presente na sociedade senegalesa das castas sociais, em que um indivíduo é veemente reprovado quando se casa com alguém de uma classe mais baixa. O sistema de castas no Senegal remonta a séculos, perpassando a colonização. Atualmente, é apresentado como um empecilho à democracia senegalesa, dificultando a ascensão de determinadas castas à vida pública, tornando a representação política estratificada e desigual, além dos problemas familiares descritos no livro (MBOW, 2018, p. 75).

Aïssatou mudou-se de Dakar para os Estados Unidos, levou os filhos e adquiriu independência financeira trabalhando na Embaixada do Senegal neste país. A forma como a protagonista lidou com a poligamia de seu marido foi bem diferente. Diante do sumiço de seu marido durante várias noites e posteriormente por um dia todo, o irmão de Modou conta a Ramatoulaye que acabara de ser realizado o segundo casamento de seu marido. A mulher leva um tempo para processar o ocorrido, pensando se devia ou não divorciar-se. A relação ambígua da protagonista torna-se evidente na dificuldade que ela mostra de romper com o casamento que a deixa profundamente magoada, ao mesmo tempo que se revolta com essa situação: "E pensar que eu amei apaixonadamente esse homem, pensar que dediquei trinta anos da minha vida a ele, pensar que carreguei doze vezes seus filhos. [...] Ao amar outra pessoa, ele destruiu o seu passado moral e material."[2] (BÂ, 2001, p. 20, tradução livre).

A poligamia persiste no Senegal nos dias atuais, pois em 2013, 35,2% dos domicílios senegaleses se declararam polígamos, de acordo com a Agência Nacional de Estatística e

[1] "elle croyait ferme au sang porteur de vertus et répétait en hochant la tête, que le manque de noblesse à la naissance se retrouve dans le comportement"

[2] "Et dire que j'ai aimé passionnément cet homme, dire que je lui ai consacré trente ans de ma vie, dire que j'ai porté douze fois son enfant. [...] En aimant une autre, il a brûlé son passé moralement et matériellement".

Demografia (KANE, 2018). Essa tradição advinda da religião majoritária é tão marcante no país que a lei senegalesa reconhece tipos de poligamia permitidos no ato do casamento. Na obra, a autora trata como uma situação humilhante para as mulheres, mas devido à tradição cultural e religiosa, muitas mulheres mais jovens desejam ser a segunda esposa de homens mais velhos por acreditarem ser a única opção de casamento que encontrarão (KOWAL, 2014).

Todavia, Ramatoulaye decide manter o casamento mesmo com a desaprovação de seus filhos, e em um determinado momento Mordou a abandona para viver com a nova jovem esposa. A partir desse momento, Ramatoulaye cogita ter novos relacionamentos, mas logo teme a reprovação dos filhos e acredita que só teria outro relacionamento se fosse fruto do mais sincero amor. A ambiguidade da personagem mais uma vez se manifesta, na medida em que ao mesmo tempo está ligada à tradição, ao ter receio da aprovação social por sua vida privada em divergência com seus pensamentos progressistas de igualdade entre os sexos.

Após a morte de Modou, o pretendente de infância de Ramatoulaye, Daouda Dieng, atualmente membro da Assembleia Nacional, pede para ela ser sua segunda esposa; mas o pedido é negado. Quando Ramatoulaye encontra-se com Daouda, pergunta como está o trabalho na "Assembleia masculina", e que, com a resposta dele, logo se indigna com a quantidade de mulheres lá, um total de 4 em 100. Os encontros com Daouda são os momentos que a personagem expressa de forma mais acentuada suas opiniões políticas a respeito dos direitos das mulheres:

> Nós temos direito, o tanto que vocês, a uma educação que pode ser levada até os limites de nossas capacidades intelectuais. Nós temos direito ao trabalho com imparcialidade e remuneração justa. O direito de votar é uma arma séria. E agora promulgamos o Código da Família, que restaura, às mulheres mais humildes, sua dignidade tantas vezes violada. [...] Quase vinte anos de independência! Quando veremos a primeira mulher ministra associada às decisões que norteiam o futuro de nosso país? [...] quando a sociedade educada passará a ser determinada não pelo sexo, mas por critérios de valor?[3] (BÂ, 2001, p.86-87, tradução livre)

É necessário frisar que a personagem possui esses pensamentos devido à educação que ela e Aïssatou receberam, não sendo, portanto, algo comum para as senegalesas na época que o livro se passa. Elas estudaram em escolas francesas no Senegal, ou seja, receberam influência dos valores ocidentais. Em certo momento do livro, Ramatoulaye fala sobre o trabalho doméstico não remunerado. Para ela, as mulheres "donas de casa" possuem muito

[3] "Nous avons droit, autant que vous, à l'instruction qui peut être poussée jusqu'à la limite de nos possibilités intellectuelles. Nous avons droit au travail impartialement attribué et justement rémunéré. Le droit de vote est une arme sérieuse. Et voilà que l'on a promulgué le Code de la famille, qui restitue, à la plus humble des femmes, sa dignité combien de fois bafouée. [...] Presque vingt ans d'indépendance ! À quand la première femme ministre associée aux décisions qui orientent le devenir de notre pays? [...] Quand la société éduquée arrivera-telle à se déterminer non en fonction du sexe, mais des critères de valeur?"

mérito. Mesmo que o trabalho que elas assumem não seja quantificado em valor monetário, é um trabalho essencial no lar e com ação silenciosa (BÂ, 2001, p. 90).

De fato, o trabalho reprodutivo, como também o trabalho do cuidado foram invisibilizados de se enquadrar nas definições tradicionais de trabalho, isto é, o trabalho como uma simples produção de objetos e de bens, com a venda da força de trabalho (KERGOAT, 2016, p.18). Para entender o trabalho reprodutivo, é necessário compreender a noção de divisão sexual do trabalho, conceito essencial para a produção feminista, definido como:

> [...] é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade. Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor social agregado (políticas, religiosas, militares etc.) (KERGOAT, 2009, p. 67)

Logo, esse conceito coloca o trabalho reprodutivo como ponto central, na medida em que é necessário uma mulher realizando o trabalho reprodutivo para outra pessoa poder se encarregar exclusivamente do trabalho produtivo. O que pode-se notar é que historicamente o trabalho produtivo foi conferido aos homens e o reprodutivo às suas esposas, mães e filhas. No livro, apesar da formação superior de Ramatoulaye, a fim criar seus 12 filhos, ela se encarrega do trabalho reprodutivo, enquanto Modou trabalha como advogado.

A parte da obra que mais evidencia a prática de racismo é quando Ramatoulaye toma conhecimento de um problema entre seu filho Mawdo Fall e o seu professor de filosofia. Mawdo apresenta dons literários notáveis, sendo o primeiro da classe. Todavia, devido a uma letra maiúscula esquecida ou vírgulas omitidas, o professor retira pontos, tornando Jean-Claude, homem branco de origem aristocrata, o primeiro da classe. Para a mãe, o professor não pode tolerar que um negro seja o primeiro em filosofia. Em consonância a essa situação, é possível estabelecer uma relação com o livro “Pele negra máscaras brancas”, do filósofo político pós-colonial Ibrahim Frantz Fanon sobre o preconceito de cor nas ex colônias francesas na África, ao afirmar que a cor é o indício mais perceptível sobre a raça, tornando-se critério do qual as pessoas são julgadas, sem levar em consideração aquisições de aspecto educacional e social (FANON, 2008, p.110).

No final do livro, Ramatoulaye descobre que sua filha Aïssatou, homônima de sua amiga, está escondendo uma gravidez há três meses, por medo da reação da mãe. Ela, emocionada com a dor da filha, a abraça, acolhendo-a na situação difícil. De acordo com o Relatório de observação sobre a gravidez nas adolescentes no meio escolar no Senegal[4] de 2019, 16% das mulheres de 15 a 19 anos já iniciaram a vida reprodutiva (GEEP, 2019). Logo,

[4] “Rapport des observatoires sur les grossesses chez les adolescentes en milieu scolaire au Sénégal”, 2019, tradução livre.

é perceptível que as décadas de diferença entre o contexto do livro e os dias de hoje evidenciam um problema grave no país. Isso se dá por fatores sociais como a falta de diálogo entre os pais sobre a sexualidade, fatores políticos como a carência de educação sexual nas escolas e também fatores religiosos como o preceito islâmico de que a mulher só pode iniciar a vida sexual após o casamento, tornando-se um tabu o diálogo desses temas. Como consequência, a evasão escolar e posteriormente, a menor profissionalização dessas mulheres muitas vezes implicam na realização exclusiva de trabalho reprodutivo, enquanto o marido fica encarregado do trabalho produtivo (NIASSE BA, 2020).

5 CONCLUSÕES

Por meio da análise da obra, juntamente com os suportes teóricos utilizados, é possível compreender como a narrativa de Mariama Bâ retrata a mulher senegalesa como produto de aspectos religiosos e culturais, como por exemplo, a influência do islamismo em todas as intâncias da vida privada e algumas vezes pública - na medida em que os valores culturais influenciam o conteúdo das leis, como é o caso da lei da poligamia. Além disso, apontam-se aspectos sociais, como o papel reservado à mulher na sociedade senegalesa, assim como a dicotomia entre a inserção de valores ocidentais na educação das mulheres de classe média e alta após a independência e os valores tradicionais. Ademais, aspectos políticos, como a representação feminina nos órgãos de Governo e Estado e, também, históricos, como a permanência de práticas racistas fruto de raízes colonizadoras.

Esse paralelo entre a obra literária com a realidade das mulheres senegalesas evidencia a ligação entre a experiência e a vivência da escritora no Senegal com a forma como ela escreve sua obra literária. Além disso, entender a obra e o contexto que Bâ escreve por meio de categorias que interseccionalizam gênero, classes sociais, raça e sexualidade é algo essencial para compreender o "conhecimento situado" e a "perspectiva parcial" (HIRATA, 2014, p. 62) que a autora como mulher negra, senegalesa (perspectiva do sul global) e pertencente a uma classe social com melhores condições está inserida. Ou seja, é o entendimento da influência desses fatores em sua escrita e na forma de perceber os sistemas de opressão em interação com a produção e a reprodução das desigualdades sociais naquela sociedade. Assim, o desenvolvimento de livros femininos como de Bâ no pós-independência reflete num campo simbólico que interliga história, memória e experiência. Pode-se afirmar, logo, que Mariama Bâ desenvolveu uma narrativa própria, colocando o feminino como ponto central e mostrando as camadas que agem de forma coercitiva e desigual na condição desse indivíduo na sociedade senegalesa daquela época.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÂ, Mariama. **Une si longue lettre**. 1. ed. Paris: Le Serpent à Plumes, 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GROUPE POUR L'ÉTUDE ET L'ENSEIGNEMENT DE LA POPULATION (GEEP). Rapport des observatoires sur les grossesses chez les adolescentes en milieu scolaire au Senegal. Dakar, 2019.60p.

GUÈYE, Médoune. La Question Du Féminisme Chez Mariama Bâ Et Aminata Sow Fall. **The French Review**, vol. 72, no. 2, 1998, pp. 308–319. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/399037.

HAAKER, Malin. **La femme africaine dans *Une si longue lettre* de Mariama Bâ et *Assèze l'africaine* de Calixthe Beyala**. Independent thesis Basic level (degree of Bachelor) - Linnaeus University, Faculty of Arts and Humanities, Department of Languages, 2014.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v.26, n. 1, jun. 2014.

KANE, Coumba. Au Sénégal, la polygamie ne rebute plus les femmes instruites. **Le Monde**, Paris, 11 mai. 2018. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2018/05/11/au-senegal-la-polygamie-ne-fait-plus-peur-aux-femmes-instruites_5297654_3212.html. Acesso em 7 de jul. de 2021.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. *In*: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa. **Gênero e trabalho no Brasil e na França**. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 2016.

_____ . Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena; LABORIE, Françoise [et al.] (orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

KOWAL, Valerie. Sénégal : deux épouses sinon rien. **Franceinfo: Afrique**. Paris, 27 mai. 2014. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/monde/afrique/senegal/senegal-deux-epouses-sinon-rien_3069465.html. Acesso em: 5 de jul. de 2021.

MACHADO, Fernanda Murad. Personagens femininas e escritoras na Literatura Francófona da África Subsaariana. **Revista Letras Raras.** Vol. 5, Ano 5, Nº 2 (2016).

MBOW, Penda. Démocratie, droits humains et castes au Sénégal. In: **Journal des africanistes**, 2000, nº 70, fascicule 1-2. L'ombre portée de l'esclavage, p. 71-91.

NIASSE BA, Salma. Au Sénégal, la lutte contre les grossesses précoces passe par l'éducation des enfants et des familles. **Le Monde**, Paris, 16 out. 2020. Disponível em: https://www.lemonde.fr/afrique/article/2020/10/16/au-senegal-la-lutte-contre-les-grossesses-precoces-passe-par-l-education-des-enfants-et-des-familles_6056352_3212.html. Acesso em: 7 de jul. de 2021.

PERRET, Arnaud B. A. **Mariama Bâ: un féminisme né à l'intersection de deux cultures**. Thesis (Master of Arts) - University of North Texas. Denton. 2006.